

Quem é Celestino Sachet?

Biografia Sentimental (pelo próprio)

Nasci em Janeiro - aquariano, portanto - de 1930, em Nova Veneza, sul do Estado. Nova Veneza, à época, uma vilazinha encostando na Serra Geral e cortada por um rio, título de poema: Rio Mãe Luzia. Era um poema verde-azul; hoje, um esgoto amarelo-escuro com a água de carvão que lhe misturou enxofre mal-cheiroso, veneno mortal para qualquer ramo da vida.

Na cidade grande que conheci, Criciúma, comprei a primeira revista, *Seleções do Reader's Digest*, num mês qualquer de 1942.

Como eu tinha a cabeça grande "testa grossa", no dialeto italiano lá de casa -, meus pais concluíram que eu deveria ser inteligente e me mandaram estudar, aqui em Florianópolis, Colégio Catarinense, tarefa que me custava uma viagem de quase 12 horas. E, aí, quantas janelas se abriram para um mundo desconhecido: o Latim, o Francês, o Inglês, o Espanhol, a Literatura, a Filosofia, a Ordem e a disciplina impostas pelos professores Henrique da Silva Fontes e Anibal Nunes Pires. Depois, a especialização em Lovaina, na Bélgica; o doutorado no México; o pós-doutorado, nos Açores, em Portugal.

Depois, toca a trabalhar e a estudar sempre; sempre a estudar e a trabalhar mais do que muito. Pelo menos meia dúzia de concursos cabeludos que me deixaram descabelado, me fizeram professor titular na Universidade Federal e na Universidade Estadual. Desta, cheguei a Reitor e na Federal, alguns postozinhos sem muito realce e nenhum brilho. Nas rodas do magistério, acabei professor visitante na Universidade Nacional de Formosa, na Argentina.

Adoro sala de aula! O meu reino encantado, por um quadro negro e um pedaço de giz, de preferência de cor branca; a minha glória entre quatro paredes, à frente de 40 rostos ou de 80 olhos brilhantes.

Escrevi uns cinco livros didáticos que milhares de adolescentes catarinenses foram obrigados a ler na marra. Juro que não fui eu quem os obrigou a suportarem o terrível sacrifício. Mas, muito obrigado aos colegas que os adotaram porque esses livros me renderam alguns cruzeiros, como se dizia na época.

O programa de televisão *Santa Catarina: 100 anos de História*, que foi ao ar, diariamente, entre 1º de dezembro de 1996 e 31 de dezembro de 1999, me ensinou a escrever para a mídia: nada de adjetivos e, muito menos, advérbios. Nem pensar em orações subordinadas substantivas ou circunstanciais e outras bobagens gramatiquenhas. Tinha que ser pão-pão, queijo-queijo. E escrever um fato com começo, metade e fim, para durar, na casa do telespectador, durante 65-70 segundos.

Hoje, casado há 49 anos - bodas de ouro no ano que vem - avô de quatro netos, uns 20 livros publicados, estou mais do que seguro: ainda há muito que fazer. Pelo menos, outros 5 livros; umas 50 conferências, umas 500 fontes para pesquisar; mais uns 5 mil, sabe Deus qual trabalho.

Por falar em Deus, acredito Nele e estou concluindo que Ele acredita em mim.

Tarefas sistemáticas do meu hoje-a-hoje: ler dois jornais por dia, uma revista por semana, dois livros por mês, uma viagem internacional por ano.

Um segredo. Só consigo escrever à mão. É que a palavra, para mim, é como se fosse barro que eu preciso dar forma para transformá-la em tijolo; de tijolo em tijolo, a parede; de parede em parede, a casa, o livro.

Ainda não consegui levantar um palácio e colocar dentro dele, o livro que não escrevi, a aula que não ministrei. Mas, um dia, eu chego lá.

Quem é Gelci José Coelho?

Escrito pelo próprio escritor.

GELCI JOSÉ COELHO, o Peninha, é um autodidata. Nasceu em São Pedro de Alcântara, em SC, no dia 10 de agosto de 1949. É professor de História e museólogo.

Participou também de documentários com o jornalista e repórter cinematográfico, Francis Silvy, “Embalaiá” – sobre o artesanato da cestaria, “Enxó da Ribeira” – sobre a construção de uma canoa, “Religiosidade Popular” – sobre expressões da religiosidade tradicional.

Ganhou vários prêmios em concursos, entre eles: prêmio Unissanta, prêmio Renoir, prêmio Sesquicentenário da Independência, Prêmio Texto Concurso Universitário, Sedimentação Movediça da Sociedade Montada em 1972 – Teatro Experimental, UFSC, Manicômio-Laboratório 1973–Teatro Experimental UFSC, Menção Honrosa - Concurso Estadual, Boi Mamão montada em 1986, Grupo de Teatro do Senac de Joinville. Publicou: Folheto : *Franklin Cascaes – Uma exaltação, Revista comemorativa dos 30 anos do Museu da UFSC e O pilão na Ilha de Santa Catarina* – mapeamento do objeto testemunho com depoimentos sobre o pilão, usos e histórias.

Em 1996, cria o Núcleo de Estudos Museológicos em conjunto com a Gerente de Museus da Fundação Catarinense de Cultura, Elizabete Neves Pires, organiza Encontros com trabalhadores dos Museus do Estado de Santa Catarina realiza oficinas de capacitação com apoio das prefeituras municipais e universidades. Já foram realizados vinte e cinco Encontros do NEMU, em diferentes municípios do Estado e com a participação de inúmeros profissionais da museologia brasileira, que proferiram palestras e também trabalharam nas oficinas de capacitação.

Participa ativamente do Núcleo de Estudos Açorianos – NEA – buscando o registro das manifestações culturais nos quarenta e cinco municípios do litoral catarinense e auxiliando no estímulo a participação nos Encontros denominado de AÇOR, onde são apresentados a diversidade da herança cultural de base açoriana no litoral do estado de Santa Catarina.

Atualmente dirige o Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, ligado a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Atua também no Setor de Cultura Popular do Museu Universitário e através de audiovisual denominado *Herança Cultural de Base Açoriana*, ilustrado com a obra do artista, folclorista e professor Franklin Joaquim Cascaes, desloca-se à inúmeras escolas, associações, universidades e em diversas outras oportunidades, o qual, divulga, instiga, reconhece e valoriza as expressões ainda presentes nas comunidades.

Atraído por uma informação ouvida através do rádio, sobre uma grande exposição de arte na Casa de Santa Catarina – Museu de Arte Moderna. Corajosamente vim sozinho pela primeira vez na capital procurar este lugar, onde havia uma exposição de pinturas. Fui do sertão para a capital e a exposição provocou uma transformação em mim, de imensa estranheza, admiração, mistério, curiosidade, espanto! Libertação! Na arte tudo pode. É a expressão da liberdade. Não há erro na arte. Há opinião. Gosta ou não gosta. Além de uma infinita filosofia absolutamente humana, todo ser humano pratica arte.

O Museu de Arte de Santa Catarina e a Biblioteca Pública Municipal de Florianópolis foram adotados por mim como locais de convivência. As oficinas, as exposições, artistas e visitantes do museu, a informação e até orientação, me levam para a Universidade. Em 1973 estudante de história interessado em arte, conheci o Professor Franklin Cascaes, no então Museu de Antropologia e imediatamente fui cativado pela profusão de esculturas, de desenhos. A quantidade de acessórios, redes remos, canoas, balaios, carroças e carro de bois. Elementos do meu cotidiano de infância e das histórias do sobrenatural, pareciam com algumas histórias, que eu já tinha ouvido contar em minha casa. Bruxas. Bruxedos, alma penada e o lobisomem da lua cheia.

Como estudante de História passei a me interessar pela história do povo do lugar onde cresci e vou viver. Entendia que era preciso conhecer primeiro o lugar onde vivo, a gente do lugar, sua história e tradição. Este alicerce é fundamental para melhor compreender o universo cultural de minha vivência e estava ali, no Museu, a melhor universidade que eu poderia fazer. Os modos de vida estavam ali materializados com o apoio da arte. Fui aceito pelo artista, participei na catalogação dos objetos, aprendi a montar os conjuntos de esculturas, acompanhei as pesquisas de campo, participando intensamente na montagem de diversas exposições. Quanto mais tento aprender sobre os temas abordados pelo artista, mais importante a grande obra me parece. Assim, meu objetivo principal é a salvaguarda, já garantida pelo Museu Universitário, e seus técnicos. Continuando sempre a difundir a obra do artista, folclorista e professor Franklin Joaquim Cascaes como ponto de apoio à pesquisa sobre as tradições culturais de base açoriana na Ilha de Santa Catarina.

A Universidade Federal de Santa Catarina tem se empenhado com imensa responsabilidade, com o acervo sob os cuidados do Museu Universitário, possibilitando a preparação de técnicos especializados, voltados para a manutenção, a conservação e a exposição do significativo acervo artístico e cultural.

Quem é Lauro Junkes?

LAURO JUNKES nasceu em Antônio Carlos/SC, em 1942; é licenciado em Letras, bacharel em Direito, Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Teoria da Literatura. Professor da UFSC por 32 anos, chegou ao topo da carreira como Titular. Casado com Terezinha Junkes Kuhn, tem três filhos: Tatiana, Larissa e Lauro Filho. Há três décadas é leitor crítico do que se escreve em Santa Catarina. Atualmente é Presidente da Academia Catarinense de Letras. Destacam-se entre seus livros: *Presença da Poesia em Santa Catarina* (1979), *Aníbal Nunes Pires e o Grupo Sul* (1982), *O Mito e o Rito: uma leitura de autores catarinenses* (1987), *A Literatura de Santa Catarina* (1992), *Autoridade e Escritura* (1997), *Açores – Travessias* (2003). Está promovendo a recuperação e edição atualizada de nossos escritores do passado, tendo já publicado: *A Canção das Gaivotas*, de Virgílio Várzea, *Mares e Campos*, de Virgílio Várzea, *Contos Completos*, de Virgílio Várzea (2 tomos), *Os Melhores Poemas de Luiz Delfino*, *Poesia Completa de Luiz Delfino* (2 tomos), *Teatro Selecionado*, de Horácio Nunes Pires, *Poesia Reunida e Outros Textos*, de Maura de Senna Pereira e tem prontos para publicar: *Poesia Completa*, de Delminda Silveira, *Assembléia das Aves e Outros Poemas*, de Marcelino Antônio Dutra e *Textos Críticos*, de Altino Flores.

Escrito pelo próprio escritor.

Ilhas: desterro; Desterro: paraíso

Celestino Sachet – Universidade Federal de Santa Catarina

Dois poemas, publicados há mais de 70 anos, podem servir como peça de apoio para identificar marcos específicos do Sistema Literário Açoriano e do Sistema Literário Catarinense.

Não está em jogo discutir se ao lado da Literatura Portuguesa se movimenta uma literatura açoriana, o mesmo acontecendo com a Literatura Catarinense – do Estado de Santa Catarina –, correndo em parilha com a Literatura Brasileira. E muito menos haverá a preocupação de garantir que, neste começo de século XXI, nas veias da Literatura Catarinense ainda corre um sangue com DNA do Arquipélago Açoriano, transplantado pelos emigrantes das Ilhas nestas bandas do Brasil Sul.

Como professor de Literatura Brasileira e de Literatura Catarinense, sempre me preocupei com a análise do texto baseada na Estética da Recepção que pode ser resumida nesta afirmativa: o leitor é também autor do texto.

Carlos Alberto Di Franco, especialista em Estratégia de Mídia, no artigo Reinventar os jornais – O Estado de S. Paulo, 24 de outubro de 2005, a globalização está produzindo um fenômeno curioso: quando tudo é (ou pretende ser) transnacional, o local ganha enorme importância. As pessoas estão carentes de vínculos próximos.

É isto! Jornalistas, professores, leitores, estudantes: é preciso reinventar a Crítica Literária libertando-a dos pressupostos universalistas e dos conceitos abstratos para trazê-la à esfera do convívio para uma vinculação próxima, pessoal, aqui/agora daquele que estiver comungando o texto. O fruidor precisa provar o sabor do saber; precisa dançar ao som da palavra; precisa filosofar mergulhando no universo do texto.

Para aplicar a Estética da Recepção na análise literária muito mais prático e consistente do que proceder a uma observação bifronte – de um lado, a Literatura Maior de uma Nação, como a Literatura Portuguesa ou a Literatura Brasileira e do outro, a literatura menor, como a Literatura Açoriana ou a Literatura Catarinense, estas, literaturas regionalistas e, por isso estigmatizadas pelos eixos Lisboa-Porto/Rio de Janeiro-São Paulo. Mais prático e mais consistente seria manejar o enfoque do Mito para ambos os casos. Enquanto na Literatura Nacional escondem-se os mitos culturais greco-romanos como a Fama, a Paz, a Discórdia, a Justiça, a Prudência, a Velhice, a Juventude, a Glória, a Virtude, a Sabedoria, a Esperança, o Dever, a Honra, o Amor à Pátria, à Família, ao Dinheiro, ao Poder e ao Consumo, na Literatura Regional, Açoriana e Catarinense, afloram mitos telúricos como a Terra, a Ilha, a Montanha, o Vale, a Água, a Fonte, o Mar, o Rio, o Fogo, o Ar, o Vento Sul (em Florianópolis, Santa Catarina).

Enquanto a Literatura Nacional é a Literatura da Pátria, a Literatura da convivência de todos os cidadãos de uma Nação que, entre outras habilidades, falam a mesma língua (em grandes linhas), conhecem os mesmos direitos e os mesmos deveres, a Literatura Regional é a Literatura da Matria, do local do nascimento, das marcas individualizantes da Geografia, marcas que diferem substancialmente de uma região para outra. Como catarinense, o autor destas linhas não sente nenhuma identificação com a floresta da Região Amazônica, com a seca do Nordeste, com o folclore africano da Bahia ou com o samba dos

morros do Rio de Janeiro. Mas, nem por isso, ele se considera menos brasileiro.

Dentro dos parâmetros da Estética da Recepção, ou da busca de vínculos próximos, a presente reflexão recepcionará a seguir, a presença do Mar, no soneto Solidão, do açoriano Armando Côrtes - Rodrigues, 1891 – 1971, publicado em 1934, no livro *Cântico dos Cânticos* e o poema Minha Ilha, do catarinense Othon Gama D'Eça, 1892 – 1965, publicado em 1923 no jornal República, de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina.

Solidão

Minha Ilha

*Ilha do meu Amor! Bendita sejas,
No que tu mostras e no que sugeres!
Na serena postura das igrejas,
E nos olhos castanhos das mulheres!*

*E bendito o teu céu cor de safira
E o teu agreste corpo de esmeralda!
E o mar, que em torno a ti de amor
suspende,
E lábaros d'espuma ao sol desfralda!*

*E bendito o teu povo de praiheiros,
Que constrói ele mesmo seu casal;
E fala a velha língua dos tropeiros,
Como falava o avô de Portugal!*

*Cerro os olhos e vejo na lembrança
O que tu tens de belo e de lendário:
Um regaço de praia onde um barco
descansa,
Sob as ramas de um cedro solitário!*

*Ou então uma fonte, um caminho, um
telhado,
Docemente a surgir nos braços do
arvoredo.
E refolhos de mato abobadado,
Com chilreios, e sombra, e perfume, e
segredos!*

*OFERENDA. Ilha do meu Amor! Por
ti palpita
O mais apaixonado coração!
Tu és a minha verde Sulamita,
A luz do meu olhar e a minha devoção*

*A rocha desce a pique sobre o mar ...
Que enxada de gigante cortaria,
Em muro de castelo, a penedia
Na qual as ondas tristes vão quebrar?*

*Sua altivez as águas desafia;
E sempre em volta a vastidão do mar ...
Ora em gritos de morte e rebeldia,
Ora em seu calmo e longo marulhar.*

*E sobre a rocha negra a sós medito:
O meu olhar de sonhos espraio e fito
Nesse incerto mistério do horizonte.*

*Um silêncio pesado esmaga e cala:
Nem trilo de ave, nem humana fala,
Nem choro de ribeira ou ai de fonte ...*

De saída, percebe-se uma diferença radical no conteúdo do título de cada poema. Nos Açores, o Mar é uma força devastadora que vai corroendo a Rocha, alto do Cáucaso, onde Prometeu Acorrentado, por ordem de Júpiter, vive o inferno da Dor eterna ou, pelo menos uma dor que vai durar 30 mil anos; em Santa Catarina, o Mar originou uma Ilha-igreja onde a criatura, em êxtase do Éden-antes-da-Queda, canta-lhe a Ladainha do Amor e da Devoção.

Ao escolher dois quartetos, dois tercetos, versos decassílabos e chave de ouro no décimo terceiro verso, o poeta açoriano também é um Prometeu, aprisionado pela estrutura do soneto. O poeta catarinense mesmo com a predominância de versos decassílabos, liberta-se do soneto e dos rigores da métrica. Afinal, ele vive em comunhão com as maravilhas do Paraíso e Deus-Pai ainda não se intrometeu com qualquer interdito.

A composição açoriana está organizada em torno de dois eixos-terror: a grandiosidade da Natureza presente em dois gigantes, a Terra e a Água, ao longo dos dois quartetos; a pequenês-abandono da criatura nos dois tercetos. Imóvel sobre a rocha e em frente ao mar, Prometeu Acorrentado inveja a altivez da rocha a pique, muro de castelo, cortado por sabe Deus, qual enxada de gigante; no entorno, a vastidão do mar assinala presença com gritos de morte, de rebeldia e, às vezes, pelo calmo e longo marulhar. No alto do seu Cáucaso, negro túmulo, o Poeta apenas se alimenta com um olhar de sonho e com um silêncio que esmaga e cala. Releia-se a seqüência esmaga e cala para, na sucessão dos quatro a-a-a-a, viver o esmagamento sentido pelo próprio leitor. Não ocorre a presença de qualquer indício de vida nem que fosse um choro ou apenas um ai.

O poeta açoriano está só. Miseravelmente só. Porque está dentro de uma solidão fúnebre.

Outra é a proclamação do poeta catarinense: ele está encantado por sua Ilha enquanto Mulher, enquanto Deusa, enquanto Jóia, enquanto Enamorada pelo Mar, enquanto Família, enquanto Fonte da Vida, enquanto Historia, enquanto presença da Religiosidade. A palavra bendita acompanha a Ilha no primeiro verso das três estrofes iniciais e atinge o êxtase, o ponto mais alto, na Oferenda da última estrofe: Ilha-Hóstia elevada aos céus, em sinal do grande Amor e da mais forte Devoção.

De onde, a diferença radical entre o conteúdo dos dois poemas?

Penalizado pela desgraça profunda do Prometeu Acorrentado em seu desterro permanente, o açor-água cada noite devia roer-lhe as entranhas não a ponto de provocar-lhe a morte. De repente, o algoz foi tomado de subida compaixão e negociou cortar-lhe as correntes com a condição de que o castigo continuasse em outro local, a 10 mil quilômetros de distância, lá no Atlântico Sul, em outra ilha, que tinha o nome de Nossa Senhora do Desterro. Só assim, Júpiter não poderia reclamar: o desterro de Prometeu fora transferido para o Desterro. O condenado aceita a proposta; mete-se mar adentro, rumo ao horizonte, sempre mais afora. Na nova Ilha sob a proteção da Virgem ele reorganiza sua vida.

Passados dois séculos, a Purgação transforma-se em Louvação, só que desta vez pelo neto Othon Gama D'Eça: Ilha tu és a luz do meu olhar e a minha devoção.

Na Literatura Catarinense é possível descobrir traços ou marcas da Literatura Açoriana? Os dois poemas me sugerem que esses traços se perderam e até viraram pelo avesso!

Destroços humanos de uma guerra

Dois homens manejavam a serra, em movimentos rítmicos e monótonos. A lâmina já calara mais da metade, e, em cada vaivém, mais e mais da se aprofundava na carne do pinheiro. Assim muito tempo, uma porção de tempo. De repente os homens gritaram, pondo-se em guarda. O pinheiro oscilou um pouco e começou a tombar. Devagarinho, a princípio. Depois com uma força e um determinismo que nada poderia evitar, como uma avalanche que se despenha. Os gemidos da madeira estalando cortaram o ar, e o gigante chocou-se contra o solo.

Guido Wilmar Sassi. *Amigo Velho*. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1981, p.11-13. o título não é do original.

Para não ver nem ouvir nada, João Onofre fechou os olhos, tapou os ouvidos e abalou para dentro de casa. Por alguns instantes, um silêncio total. Porém, logo a seguir, os machados entraram em ação. João Onofre voltou a olhar. Os homens se atiraram ao tronco inerte, deceparam os seus galhos e desfizeram-no em toras. E avançaram-lhe também na casca, arrancando-a aos pedaços, até que o deixaram limpinho, desnudo. Veio um carroção tirado por uma junta de bois. Com gritos e ordens os homens colocaram as toras dentro dele e puseram-se a caminho.

João Onofre saiu de casa. A cena parecia o campo devastado de uma batalha, e havia, mesmo, um ar de morte em torto. Os arbustos e as árvores menores haviam sido esmagados pela queda do colosso. Galhos a verter seiva, esparsos aqui e ali, lembravam braços e pernas recém-arrancados, palpitações ainda. Ramos juncavam o chão, cavacos se espalhavam por todos os lados. No lugar em que a velha árvore ainda há pouco se erguia, só restava agora um simples toco, anônimo e sem vida. No talho aberto pela serra, a contrastar com o verde-escuro da casca, branquejava o cerne, como se fosse um osso alvo a sobressair de um membro amputado e sangrento.

Cabisbaixo e triste, o velho põe-se a seguir a carroça, que, em seu rodar lento, se dirigia para a serraria. Animais e homens caminhavam vagarosos, o silêncio tinha um quê de respeitoso. Os trabalhadores, cansados da lida, mantinham-se calados, e parecia, a João Onofre, que eles faziam causa comum com a sua dor. No seu íntimo, aquele caminhar moroso e silente assemelhava-se mesmo a um enterro - o sepultamento de um amigo, de uma pessoa querida.

E assim era. O pinheiro podia ser considerado um membro da sua família, um amigo velho e querido que deixava de existir. Aquela árvore estava ligada à sua pessoa com laços muitos fortes: os laços da amizade, do costume. Desde pequenino ele se habituara a brincar à sua sombra, a vê-la carrear-se de grandes pinhas e a saborear-lhe os pinhões. Todos os invernos, bandos de maitacas em alarido vinham pousar nos seus galhos, à procura das sobras que porventura houvesse. Mas a família de João Onofre não deixava nada para as aves; limpava tudo. Era tão fácil conseguir alimento: bastava trepar pelo tronco onde os talhos de facão, feitos para facilitar a subida, já haviam cicatrizado, e então, lá de cima, fazer rolar as pinhas e debulhá-las. Era como que uma despensa, bem pertinho da casa, onde a comida estava armazenada com fartura. O primeiro se erguia ali, a dois passos da casinha, completando-a; ou melhor, esta é que era um complemento daquele.

Foi naquele dia em que João Onofre compreendeu que era um miserável, que não era dono de nada. A casa não era dele, a terra não era dele. Estava

ali de empréstimo, tolerado pela benevolência dos verdadeiros donos da terra, gente invisível, que a exemplo de verdadeiros deuses, mandava e desmandava na sua vida. O pinheiro não era seu. Não, não era! Pertencia a serraria, àquele animal insaciável, cujo ventre jamais se satisfazia e mandava abater árvores e mais árvores, para triturá-las nas suas mandíbulas de aço. A serraria lhe roubara os filhos maiores, os quais, engodados pelo ganho mais bem remunerado, haviam desertado a rocinha do pai. Os filhos não eram dele: eram dos donos da terra, dos donos da serraria. Ele mesmo não pertencia, não passava de um mandado, de um escravo.

Amigo velho: as chagas da exploração capitalista

Escrito por Lauro Junkes

Um dos grandes méritos do Grupo Sul foi ter revelado Guido Wilmar Sassi, um dos mais completos ficcionistas do movimento e um dos escritores de primeira linha da Literatura Catarinense de todos os tempos. Sassi estreou em 1953, com *Piá*, um volume de contos que focalizam temática única a criança abandonada e carente. Pouco depois retomou com *Amigo Velho*, contos em torno do pinheiro no planalto lageano. Ambos esses livros foram publicados por Edições Sul de Florianópolis, infelizmente em pequenas tiragens. Mais tarde, já no Rio de Janeiro, publicou mais dois livros de contos *Vinte histórias curtas*, em parceria com mais três escritores e *Testemunha do tempo*, agora enveredando pela ficção científica. Dominada a técnica do conto, partiu para narrativa longa, com os romances *São Miguel* história vigorosa que retrata uma pequena comunidade do oeste catarinense que vive da exploração da madeira e depende totalmente das condições climáticas e pluviais, e *Geração do deserto* um episódio dramático da nossa Guerra do Contestado, transformado por Sílvio Back no filme *A guerra dos pelados*. Em todas essas obras, Sassi revelou constante e lúcida consciência social, enraizando sua ficção na crua realidade, denunciando a exploração e opressão do trabalhador quase reduzido a nova escravidão por patrões desumanos e gananciosos, e assumindo com sensível espírito de solidariedade a defesa da condição humana do pobre, do assalariado e da criança carente.

Esse era o escritor Guido Wilmar Sassi, de ampla e crescente projeção nacional. Em 1964, repentinamente, instaurada revolução militar, o escritor emudeceu, recolhido unicamente a suas funções profissionais de funcionário do Banco do Brasil. E perdíamos um dos nossos melhores escritores. Longo e quase definitivo foi o exílio literário. Entretanto, em 1979 houve um certo rompimento da barreira do silêncio, quando Sassi permitiu a reedição do seu romance *São Miguel* (prêmio para romance inédito, instituído pela Ed. Boa Leitura em 1962). Em 1981 trouxe a 2ª edição de *Amigo Velho* (Prêmio do Instituto Nacional do Livro, 1957). A par disso, Sassi voltou a falar de literatura, revelando estar novamente a escrever. E, de fato, publicou ainda romances e contos: *O Calendário da Eternidade* (1982), *A Bomba Atômica de Deus* (1985) e *Os 7 Mistérios da Casa Queimada* (1989), com vigor diverso dos que os anteriores.

Amigo Velho é um pequeno volume, mas uma grande obra literária. Sua importância decorre de alguns fatores: os sete contos, retomam uma só temática - a exploração do pinheiro no planalto lageano, destacando-a como fator econômico, mas não deixando de alertar para suas implicações ecológicas; todas as narrativas têm como agentes personagens sofridas, duramente marcadas pela vida ou pela ganância inescrupulosa de quem as explora; permanente manifesta-se o compromisso do autor com essa gente pobre, com o trabalhador explorado, com os deserdados da vida, de quem se aproxima com profunda solidariedade e cujo retrato delineia com traços vigorosos e tintas vivas; solidarizando-se com a condição social dessas personagens, que dependem da exploração da madeira dos pinheirais para sua sobrevivência, denuncia a condição de miséria, exploração, insegurança e semi-escravidão a que estão sujeitas, contrastando sua miséria com a opulência dos patrões; notável habilidade revela o autor ao lograr envolver todas as histórias com forte e contagiante sentimento humano, sem decair em excessivo tom sentimentalista ou melodramático.

No primeiro conto *Amigo velho* - o pinheiro é alimento e amigo: João Onofre pede insistentemente que não derrubem o pinheiro ao lado de sua casinha, pois ele dá sustento a seus filhos no inverno. Mas, nada adianta e a ganância pela madeira vence: a derrubada do pinheiro assemelha-se, na visão de Onofre, à execução de um condenado à morte. Impressionante é o caráter de personificação e humanização com que reveste a árvore. Tendo sido inútil qualquer tentativa de diálogo, junto aos proprietários, esbarrando sempre na dureza oposta, João Onofre finalmente “compreendeu que era um miserável, que não era dono de nada” e que a serraria devorava tudo, até mesmo seus filhos.

Cerração focaliza o problema do transporte de madeira. E o quadro de miséria de Procópio com seu caminhão cresce em angústia até explodir no desastre total de ambos, quando, restando só um “amontoado de ferragens e madeira”, acabou para o motorista a vida de sofrimento.

Uma história dos outros reconstitui, fragmentariamente, a história de um crime horrendo, que envolve um dono de serraria. Este, em crise financeira, consegue vender uma partida de madeira, mas sua filhinha, brincando, queima o dinheiro obtido. Desesperado, ele, corta as mãos da menina com um facão e ela morre esvaída em sangue. Através de estrutura original, expondo a narrativa sem linearidade lógica, mas através da repercussão dramática do crime sobre a comunidade, autor cria situações de extrema aflição.

Noite é sem dúvida um dos melhores contos do autor, verdadeiramente antológico. Retrata a aflição de Mané Juca e de sua mulher Marcolina grávida, catando pinhões, já não mais para vender, mas para se alimentarem. Mané Juca sobe por outra árvore em um pinheiro para derrubar pinhas e depois não consegue mais descer, sobrevivendo a fatal noite de inverno. Aqui não há sentimentalismo piega e sim um realismo legítimo, que mexe com os nervos do leitor. O fluxo de consciência transmitindo a aflição, denunciando o problema social e evidenciando a inutilidade do esforço, assemelham-se a situações de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Destaque-se o desfecho, vigoroso na síntese fatal, após todas as tentativas para salvar Mané Juca, três palavras selam seu destino: “E daí, anoiteceu”, carregando-se esse verbo das inúmeras conotações, desde a constatação temporal até a de caráter existencial.

Em *Prece de Criança* o médico narra à menina Melita o passado do moribundo Bento: vendia vassouras silvestres e pinheirinhos de Natal. A civilização trouxe vassouras melhores e a valorização da madeira não lhe permitia mais cortar pinheiros bons. E o pobre Bento ficou sem nada e sem sustento na vida. Resta-lhe o descanso na morte. Aqui, o envolvimento da criança, na sua ingenuidade e bondade, e sobretudo sua oração pelo morto reforçam o vivo sentimento de compaixão que o conto desperta.

Serragem coloca mais outro problema: o do serrador. Também aqui há perigos. E comprova-os João Raizer, um serrador que, quando a situação de vida lhe vislumbra um pequeno sonho futuro, vê tudo desfeito pela morte. Interessante é o início da narrativa, dominado por longa descrição da serragem que sai da serra, cobre tudo e se deixa servir para todos os fins. Ao final, morto o Protagonista, novamente a serragem domina e tudo desfaz no esquecimento – “só a serragem, aumentando sempre”. E o ser humano pode nela e à custa dela desaparecer, sem deixar vestígios.

Finalmente *Vagão* retrata o fim infeliz de um trabalhador: Anísio, negro agora velho, doente, com fome, sem condições de trabalho, com filho doente, só serve mais para biscateiro, carregando o vagão e ganhando uma miséria. Relembrando o passado, sempre de muito trabalho, convence-se de que o tempo da escravidão era melhor. E seu longo monólogo interior termina em delírio, sentindo-se no vagão – “... e o vagão sacolejando-se e apitando sempre. Se sumiu na escuridão do túnel”. Era também para ele, afinal, o descanso, a única solução para sua situação. Nesse conto talvez ressoe mais vibrante que nos outros o grito do homem explorado e impotente, denunciando séculos de submissão que lhe

foram impostos desde a senzala.

Os contos de *Amigo velho* são todos de um acentuado, mas realista pessimismo. Aqui o homem aparece escravizado a um sistema de vida em torno do pinheiro. Este é riqueza para alguns poucos e desgraça para a grande maioria. Geralmente a única “solução” para as diversas situações é a morte. Em *Vagão* e *Noite* subentende-se a morte e nos demais casos ela é explícita. Em *Vagão*, a “escuridão do túnel” é a morte. Em *Noite*, o frio da noite de inverno o matará: “já não raciocinava direito, agora, esgotadas todas as hipóteses de escape, destruídos todos os fios da esperança”. Portanto, a cosmovisão expressa é de um pessimismo arrasador. No entanto, transparece um marcante humanismo por parte do autor, ao tomar a defesa desses pobres explorados e denunciando o problema social.

Varia o modo de narrar e estruturar os contos. *Amigo velho* é narrado no modo onisciente, mas quase todo limitado à visão de João Onofre. *Cerração* e também *Vagão* acompanham, na maior extensão, o fluxo de consciência atormentada e aflitiva dos protagonistas. *Prece de criança* aparentemente é narrado de uma perspectiva interna, mas o relato em primeira pessoa é mais de um observador que conhece o protagonista, do que propriamente de alguém que participa da ação. *Uma história dos outros* é exatamente “dos outros”, porque é narrada de perspectivas diversas: impressões de várias personagens em relação ao crime do dono da serraria que matou sua filha. Percebe-se consciente e proposital empenho na variação estrutural das narrativas.

Amigo velho é, enfim, um livro sobretudo humano, um livro que sabe ainda valorizar o sentimento afetivo, a solidariedade humana, a justiça social. E as denúncias nele levantadas são de validade permanente, pois, revestidas por diferentes aparências, persistem, e de forma recrudescida, situações aflitivas exploratórias como as dessas narrativas. E bom seria que o homem de hoje e de sempre ainda pudesse emocionar-se ante esse retrato tão vivo e tão cruel do ser humano, seu irmão.

FRANKLIN CASCAES NAS ASAS DAS BRUXAS

Escrito por Lauro Junkes

Franklin Cascaes (1908-1983) foi uma personalidade forte e quase obsessivamente dominada pelo dever de resgatar todos os elementos possíveis da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina. Conforme preferia exprimir-se Guimarães Rosa, em relação à morte, podemos dizer que Franklin Cascaes não morreu; encantou-se. Porque um artista verdadeiro não morre. Sobrevive através de sua arte. O extraordinário conjunto de esculturas, desenhos e textos de pesquisa popular que Cascaes legou ao Museu Universitário da UFSC resultou da dedicação exaustiva desse artista e pesquisador, apaixonado pela convivência com as tradições populares da Ilha de Santa Catarina, que percorreu desde 1946, à custa de suas próprias economias e sacrificando o descanso e diversões de finais de semanas, para coletar lendas e mitos, ouvir histórias e preservar tradições do nosso imigrado açoriano, transformando suas pesquisas em textos literários, em esculturas ou em desenhos.

Incansavelmente buscou a terra, o universo primitivo, telúrico, simples e sólido, a preservação da vida, dos costumes, tradições e histórias do povo sem sofisticções e artificialismos que povoa a Ilha de Santa Catarina, ainda preservando tradições açorianas. Obsessivamente ligado ao povoamento açoriano, sem recursos e sem auxílios oficiais, unicamente apoiado em seu idealismo de pesquisador, recolheu, desde 1946 até a década de 70, o mais rico acervo de anotações, escritos, esculturas e desenhos sobre a vida e tradições dos colonos açorianos na Ilha e no litoral de Santa Catarina, preservando, assim, precioso patrimônio histórico-cultural, prestes a ser impiedosamente devorado e desfeito pela “civilização” globalista.

Nos anos 70, o jornalista Raimundo Caruso teve a feliz idéia de passar alguns dias e semanas, de gravador em mãos, conversando com Cascaes, recolhendo, em entrevistas, muitíssimas informações valiosas reveladas pela cultura e vivência quase fantásticas desse pesquisador apaixonado. E o resultado está agora ao alcance de todos, através do livro *Franklin Cascaes – Vida e arte e a colonização açoriana* (Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 198).

O livro encerra ampla riqueza de conhecimentos e vivências, porque a própria personalidade de Cascaes se revela nos pontos de vista assumidos e, sobretudo, sua linguagem pessoal foi cuidadosamente preservada. São onze capítulos que organizam as informações provenientes das entrevistas, abordando grande variedade de assuntos, como: a experiência e o método de pesquisa de Cascaes; o povoamento açoriano em Santa Catarina, as peculiaridades de seu regime de vida familiar, profissional e social; a vida cotidiana dos colonos açorianos, seu heroísmo, lutas e sofrimentos, explorados pelos governos e pela política; seu trabalho, dividido entre duas atividades fundamentais: a pesca e a lavoura (sobretudo a farinhada). E Cascaes estende-se particularmente quando aborda seus assuntos preferidos: os costumes e as crenças populares: a bruxaria, os fantasmas, os casos fantásticos de boitatás, lobisomens que a imaginação e o medo criaram e com que povoaram a Ilha. Correlata a esse assunto, vem longa exposição sobre a medicina popular, mostrando como ao lado de uma variedade enorme de plantas que o povo conhecia e utilizava na medicina caseira, funcionava largamente a superstição, a benzedura, o curandeirismo, de penetração tão fácil na credence e pouca cultura do povo. Também valioso é o capítulo sobre tradições folclóricas, ocupando-se especialmente do “Pão-por-Deus” e da “Festa do Divino”.

Além das entrevistas, o livro transcreve oito textos de Cascaes: contos, casos fantásticos colhidos entre o povo e descrições de costumes e habitações tradicionais. A literatura de Cascaes mereceria todo um estudo à parte, pela linguagem e pela mentalidade popular que capta, pela imaginação fantásti-

ca que revela, pela ironia, humor ou erotismo de sabor popular com que reveste as narrativas. Note-se a parábola de lições morais de “O homem paga o bem com o mal”; a ironia de “O padre e as perdizes” ou de “O ferreiro mestre dos mestres”; a ambigüidade e o erotismo de “Terra fraca”; o exagero na valorização da natureza em “Mandioca quilométrica”; a crítica à ganância exploratória em “Mulher canta galo”.

Cascaes sempre se disse grande devedor do povo, que era seu mestre. Era entre o povo simples que ele vivia bem. “Eu faço a minha arte a partir da convivência, vivi tudo isso aqui” e “minha arte é recriação do que eu vi, do que eu vejo”. Por isso valoriza o homem do povo, criticando os “doutores da cidade”. Explicando como encontrou seu estilo para esculpir o colono açoriano, baixo, sofrido, atarracado, revela que “minha preocupação é representar a fisionomia do homem cansado” (pelo trabalho), pois “a vida do pescador é triste”. E fez cerca de seis mil peças, entre cerâmica e escultura, além dos inúmeros desenhos.

A vida na sociedade moderna era mal vista, pois, para ele, antigamente as pessoas eram mais amáveis e mais hospitaleiras. Insurgia-se contra a televisão que destrói a convivência e as tradições. Hoje nossa cidade, Nossa Senhora do Desterro, estaria “embruxada pelo capitalismo e pelos gananciosos”. Hoje o homem “está vivendo um egoísmo satânico, esquecendo-se do seu próximo”. A civilização nada melhorou. Antigamente “morria muita criança, como ainda morre. Mas, naquela época morria mais de doença e hoje morre mais de fome”. É preciso ensinar “o povo a viver com a natureza (...) ensinar a criança a viver com a natureza. Educá-la para a natureza. Mostrar pra ela que depende da natureza.”

Apenas alguns destaques evidenciam ainda melhor o pensamento e a ideologia do pesquisador. Quanto à política, reiteradamente Cascaes manifestava sua aversão – “Eu não gosto de política, porque em vez de auxiliar ela se aproveita da situação para atrapalhar na maioria das vezes”. Considerava-a mentirosa e enganadora – “a política é bruxaria”, “é a mentira que impera, a mentira é obra do demônio, é obra de bruxaria”. E revoltava-se contra o nome “Florianópolis”, que lembra crimes políticos. Em termos políticos mais amplos, ressaltava que “éramos uma colônia e continuamos sendo uma colônia” (antes de Portugal, hoje dos Estados Unidos!). Muitas críticas dirigia a atitudes do governos: “A pesca está gradativamente desaparecendo. E o governo ainda fica promovendo campeonatos de pesca submarina, para liquidar de uma vez. Porque ele não entende, coitado. Ele foi criado centro dos bancos e o resto ele não entende nada. Os assessores deles também não...” Ou então: “São interessantes os governos dessa terra. Veja aquele governador que ainda esta vivo, mandou fazer uma estátua de si mesmo e colocou em praça pública. Eu sou contra isso de mãos erguidas. Deu nome de hospital, deu nome de município, de ruas e de avenidas. Veia o outro e ele desenhou, copiou o mesmo desenho e mandou fazer bustos, botou nome em estradas, e segundo a lei não se pode fazer isso. Sou contra.”

Enriquecido ainda com 28 desenhos de Cascaes, na sua maioria sobre aspectos mágicos, fantásticos, bruxólicos ou folclóricos das tradições açorianas, o livro de Raimundo Caruso é documento que realmente contribui para melhor conhecer Santa Catarina. Essa é a identidade cultural que precisamos fixar, conhecer e promover.

A UFSC, fiel depositária do acervo de Franklin Cascaes, já editou vários livros relacionados com o pesquisador: um primoroso volume intitulado Arte e Artesanato, organizado por Carlos Humberto P. Corrêa, que reproduz trabalhos de quatro artistas de cerâmica, entre eles Cascaes; o volume em que o jornalista Raimundo Caruso colheu entrevistas valiosas de Cascaes

– *Franklin Cascaes – Vida, arte e a colonização açoriana*, reunindo narrativas colhidas e elaboradas por Cascaes entre os descendentes de açorianos, editou dois volumes sob o título *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*.

No *I volume O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, Franklin Cascaes reúne doze histórias que representam tradições açorianas conservadas e transformadas na Ilha de Santa Catarina, todas elas episódios bruxólicos. São narrativas mágicas, variadas, que caracterizam a atividade das bruxas, segundo a tradição, a crença e a “imaginação fértil do caboclo açorita” concebem esses seres em estado fadórico. No *volume II de O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, prosseguem os casos resgatados por Cascaes entre os habitantes mais tradicionais dessa Ilha da Magia. Uma narrativa vai completando outra, numa inter fusão fantástica de credices, malignidades, rasgos de imaginação popular, corporificando um imenso caleidoscópio vivo da cultura açoriana.

O primeiro conto já patenteia a ingenuidade do caboclo ilhéu, cujo grau de raciocínio simplório não entende o absurdo das promessas eleitoreiras. Ele sabe, sim, como acontece a “Eleição Bruxólica” para escolher a bruxa-chefe do grupo. O segundo conto delinea melhor o caráter satânico das bruxas, que “faze voto de obediência mágica para o anjo Luciféll”, cuja função é “sê marvada e judiadera das pobre criatura que tão morando nesta Terra”, sob as ordens do próprio Capeta. Aliás, no sexto relato – “Estado fadórico das mulheres bruxas” - sua sujeição ao demônio é explícita: “O Demônio é o vigor mental e o gênio tutelar dos mundos do irreal e, portanto, só a ele, e a ninguém mais, elas devem obediência original no desempenho de suas tarefas sombrias o malignas”.

Na mesma narrativa já se revela como o estado fadórico, a par da ligação demoníaca, caracteriza-se por forte sensualidade: “Para entrarem em transe metamórfico, despem as roupas na presença da sua chefe” e saem a praticar suas extropolias diabólicas e seculares. A mesma sensualidade manifesta-se no quinto relato, quando o pescador Selvero encontra “dentro da sua tarrafa uma caterva de mulheres nuas, dançando fandango bruxólico”. Na oitava história, ainda, Geraldo Sem Medo ouve a “Orquestra Selenita Bruxólica”, capaz de induzir a “êxtase transitório”.

As bruxas são, portanto, seres que resultam de credices populares (“Vassoura Bruxólica” resulta do desrespeito à observância da sexta-feira santa), de castigo pelos maus costumes (na quarta história, a infestação pelas bruxas é atribuída a senvergonhice do “filho da Ludovica” que não veste “mági cerola por debaixo das carças”, mas “uma carça curta quiném as de muhié”, a “curreca”), de castigo por maus procedimentos (Ilizeu da Tuta, no sexto conto, teve filho morto pelas bruxas porque, antes de casar, desvirginara e abandonara moça pobre e órfã, que caíra na vida) ou de representação de pactos demoníacos. As bruxas são vingativas (ver relatos 3 a 10) e, para espanto freqüente, elas nada mais são do que pessoas conhecidas e mesmo familiares, metamorfoseadas. Várias narrativas – “Baile das bruxas dentro de uma tarrafa de pescador”, “Lamparina e Cauto em metamorfose”, “Bruxas atacam um pescador” e “A bruxa roubou meio alqueire feito armadilha para apanhá-la” evidenciam como, ao serem desencantadas e perderem o estado fadórico, por alguma benzedura, restavam mulheres nuas, parentes ou conhecidas daqueles a quem haviam feito mal.

Os relatos de Cascaes reproduzem com freqüência o linguajar caboclo do ilhéu interiorano, o que torna sua leitura lenta e difícil, mas saborosa. Os nomes das personagens também conservam o pitoresco dessa primitividade popular: Antonho Diulindo, Manoéli Preira, Sinhá Simpiliça, Modesta do Selvero, Luiz do Cacupé, etc. Grande parte da Ilha está representada, havendo referência à Lagoa da Conceição, Ponta das Garças (Joaquina), Costa da Lagoa, Pântano do Sul, Sambaqui, Rio Vermelho, etc., o que evidencia a generalidade do mito bruxólico na Ilha.

No volume II de *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, p r o s s e- guem os causos resgatados por Cascaes entre os habitantes mais tradicionais dessa Ilha da Magia. Uma narrativa vai completando outra, numa inter fusão fantástica de credices, malignidades, rasgos de imaginação popular, corporificando um imenso caleidoscópio vivo da cultura açoriana.

Nessa coletânea de narrativas, novamente o critério concentra-se nas crenças bruxólicas. A vida sofrida do povo simples e de pouca cultura parece buscar tentativas de explicação das suas vivências nas interferências metalógicas dessas entidades de comportamento profundamente sádico, relacionadas com o próprio mito da ancestralidade cosmogônica, do confronto entre anjos bons e anjos maus, quando, da revolta, surgiu a figura de Lúcifer – o portador da luz, mas da luz do orgulho, da superioridade e da revolta, e que governa todo o reino bruxólico.

Evidencia-se, logo no primeiro conto, que, ao nascer uma seqüência direta de filhas, a sétima será bruxa. Assim, em “Bruxas Gêmeas”, a família de Manoel Braserio, do Saquinho, “ganhou como presente do trabalho sexual oito filhas, sem nenhum varão entremeado”. A sétima devia ser batizada pela mais velha e ter nome de Santa e a oitava de Benta, para evitar o destino bruxólico. O pai procurou senhora de “saber espiritual”, Candinha, que lhe prescreveu como agir. Mas seu Mané constatou que ninguém sabia mais qual fora a sétima a nascer e qual a oitava. Voltou à Candinha, “uma grande médica curandei-rista, benzedeira formada com distinção distintíssima nas honradas e famosas academias rubras do ex-rei Lúcifer”. Ela sentiu-se incapaz de responder e foi consultar Lúcifer. Depois prescreveu que “Santa será futura bruxa espiritual”. Então, para elucidar os fatos, entra outra história: um casal da Costa de Dentro tem filha que, aos seis meses, adoece cada vez mais, ficando só pele e osso. O pai Jorgino consulta famosa benzedeira Sinhá Benta e ela diagnostica que foi ação de bruxa espiritual forte. Jorgino então fala que deve ter sido a Benta, “fia do Mané Braseiro”. E a benzedeira trabalha com sua “cesta de ferramenta cirúrgica bruxólica” até desmascarar a Benta do braseiro – provando assim que ela fora a sétima filha a nascer. [...]

As narrativas de *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* constituem um repositório saboroso de estórias bruxólicas que valem a pena serem lidas. São dois volumes que reúnem estórias colhidas e redigidas por Franklin Cascaes, para captar algumas facetas específicas da cultura açoriana. Nosso senso de cultura exige a preservação e a divulgação desse patrimônio.

No livro *Açores – Travessias* (Fpolis: Insular, 2003), elaborei mais extenso ensaio, em que realizo toda uma radiografia das bruxas nos contos de Cascaes, examinando aspectos como: Conceito e Origem das bruxas; Hierarquia bruxólica; a Bruxa-chefe; Maldades praticadas pelas bruxas; Remédios contra as bruxas; Função da benzedeira/curandeira; Proteção contra as bruxas. Franklin Cascaes foi um verdadeiro obcecado nas pesquisas sobre as tradições e crenças bruxólicas, caracterizando, em seus contos, inúmeros aspectos desse ser do imaginário popular açoriano.